

**Educação antirracista pelo lazer:
o Circuito NegroMuro e a re-racialização da paisagem carioca**

RESUMO:

Este artigo reflete acerca das relações entre lazer, educação antirracista, paisagem e espacialidades urbanas a partir do Projeto NegroMuro e dos Circuitos NegroMuro na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa, de abordagem qualitativa e natureza interpretativa, articula revisão bibliográfica, análise imagética e experiências de circulação pela região da Pequena África. Dialogando com autores dos estudos do lazer, da geografia cultural e das relações étnico-raciais, o trabalho compreende o Projeto NegroMuro como intervenção que tensiona processos históricos de apagamento da presença negra na paisagem urbana. A análise enfatiza especialmente o Circuito NegroMuro Pequena África e o mural da escritora Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prainha, discutindo suas relações com memória, monumentalidade, circulação e regimes de visibilidade na cidade. Conclui-se que os Circuitos NegroMuro ampliam as possibilidades de compreensão do lazer como prática cultural crítica e como experiência educativa antirracista em âmbito não formal.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Educação antirracista; Paisagem; Espacialidades urbanas; Projeto negromuro

Angela Brêtas

Doutora em Educação (UERJ, 2007)
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
labretas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7464-3146>

Patrício Pereira Alves de Sousa

Doutor em Geografia (UFRJ, 2018)
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca
Valença, RJ, Brasil
patricio.sousa@cefet-rj.br
<https://orcid.org/0000-0003-4347-7557>

Anti-racist education through leisure: the NegroMuro circuit and the re-racialization of Rio de Janeiro's landscape

ABSTRACT

This article reflects on the relationships between leisure, anti-racist education, landscape, and urban spatialities through the NegroMuro Project and the NegroMuro Circuits in the city of Rio de Janeiro. The qualitative and interpretative research combines bibliographic review, image analysis, and experiences of circulation through the Pequena África region. Drawing on authors from leisure studies, cultural geography, and ethnic-racial studies, the article understands the NegroMuro Project as an intervention that challenges historical processes of erasure of Black presence in the urban landscape. The analysis focuses particularly on the NegroMuro Pequena África Circuit and the mural of writer Conceição Evaristo at Largo de São Francisco da Prainha, discussing their relations with memory, monumentality, circulation, and regimes of visibility in the city. The article concludes that the NegroMuro Circuits expand the possibilities of understanding leisure as a critical cultural practice and as an anti-racist educational experience within non-formal education.

KEYWORDS: Leisure; Anti-racist education; Landscape; Urban spatialities; Negromuro project

Educación antirracista a través del ocio: el circuito NegroMuro y la re-racialización del paisaje carioca

RESUMEN

Este artículo reflexiona acerca de las relaciones entre ocio, educación antirracista, paisaje y espacialidades urbanas a partir del Proyecto NegroMuro y de los Circuitos NegroMuro en la ciudad de Río de Janeiro. La investigación, de enfoque cualitativo y naturaleza interpretativa, articula revisión bibliográfica, análisis de imágenes y experiencias de circulación por la región de la Pequeña África. En diálogo con autores de los estudios del ocio, la geografía cultural y las relaciones étnico-raciales, el trabajo comprende el Proyecto NegroMuro como una intervención que tensiona procesos históricos de borramiento de la presencia negra en el paisaje urbano. El análisis enfatiza especialmente el Circuito NegroMuro Pequeña África y el mural de la escritora Conceição Evaristo en el Largo de São Francisco da Prainha, discutiendo sus relaciones con memoria, monumentalidad, circulación y regímenes de visibilidad en la ciudad. Se concluye que los Circuitos NegroMuro amplían las posibilidades de comprensión del ocio como práctica cultural crítica y como experiencia educativa antirracista en el ámbito de la educación no formal.

PALABRAS-CLAVE: Ocio; Educación antirracista; Paisaje; Espacialidades urbanas; Proyecto negromuro

INTRODUÇÃO

*Rio 40 graus
Cidade maravilhha
Purgatório da beleza
e do caos*

(Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer)

Este artigo se situa na confluência entre os debates referentes ao lazer, às espacialidades urbanas e à luta antirracista. O texto emerge do encontro entre duas trajetórias acadêmicas e profissionais marcadas por inquietações semelhantes: de um lado, a de uma pesquisadora com atuação no campo dos estudos do lazer, da ludicidade e da educação, atravessada pela percepção de que as discussões raciais ainda aparecem de maneira tímida nesse campo; de outro, a de um pesquisador com atuação voltada às relações entre paisagem, cidade, memória e racialização, interessado nos modos pelos quais as espacialidades urbanas produzem apagamentos, disputas simbólicas e formas de afirmação na paisagem.

Há tempos conhecíamos e admirávamos o Projeto NegroMuro e sabíamos de sua importância para a luta antirracista. Existia, portanto, o desejo de compreendê-lo de maneira mais aprofundada. A iniciativa da pesquisa aqui comunicada nasceu da tentativa de articular lazer, educação, paisagem, espacialidades urbanas e enfrentamento ao racismo, buscando compreender de que maneira experiências de lazer podem atuar na produção de práticas educativas antirracistas e na construção de contraespaços em uma cidade profundamente marcada pela racialização das desigualdades.

A cidade do Rio de Janeiro é nacional e internacionalmente conhecida como Cidade Maravilhosa. Capital do estado do Rio de Janeiro, conta atualmente com cerca de 6 milhões de habitantes e é a segunda maior cidade brasileira em número de habitantes¹. Ademais, possui Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,832, o que a coloca em quarto lugar na classificação nacional em termos de qualidade de vida e desenvolvimento econômico². Destino turístico internacional, o Rio de Janeiro tornou-se a primeira cidade do mundo a receber da UNESCO o título de Patrimônio Mundial Cultural e Natural, sob a denominação *Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar*³.

Entretanto, tais reconhecimentos não expressam as profundas desigualdades sociais relacionadas ao acesso à educação de qualidade, saneamento básico, saúde, moradia e segurança. Dados do Instituto de Progresso Social (IPS-Rio)⁴ apontam significativa discrepância entre os bairros mais bem posicionados nos indicadores, como Botafogo, Lagoa e Copacabana, e outros de índices muito baixos, como Guaratiba e Cidade de Deus. Entre estes últimos estão também quase todos os complexos de favela. O que se observa é o modo como diferenças ligadas às necessidades humanas básicas, ao bem-estar e às oportunidades estão geograficamente localizadas. Essas assimetrias revelam importantes dimensões de classe e raça. Os bairros mais valorizados, compostos majoritariamente por população branca, concentram-se sobretudo na zona sul da cidade, enquanto os complexos de favela, de maioria negra, aparecem com índices médios ou muito baixos de progresso social.

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em 31 jul. 2025.

² Disponível em: <https://shre.ink/brasilescola-aspectosdapopulacao>. Acesso em 06 ago. 2025.

³ Disponível em: <https://shre.ink/portaliphan-riopatrimonio>. Acesso em 31 jul. 2025.

⁴ Disponível em: <https://ips-rio-pcrj.hub.arcgis.com/>. Acesso em 31 jul. 2025.

Racializando os estudos do planejamento urbano, Brito, Mendonça e Rolnik (2023, p. 23) afirmam que esse fenômeno se constitui como uma “espécie de pacto territorial narcísico da branquitude, que conforma territórios de exclusividade branca”. Nos processos de expansão imobiliária e de investimentos públicos concentrados nas áreas mais valorizadas da cidade, territórios negros e pobres acabam sendo destruídos e esvaziados, tanto em sua materialidade quanto em seus espaços de sociabilidade, memória e pertencimento.

Assim, se por um lado a cidade do Rio de Janeiro se mostra bela, sedutora e segura para alguns, para outros ela é dura, excludente e profundamente hierarquizada. Cabe então a pergunta: quem são esses alguns e esses outros? É necessário enegrecer esse debate, pois a violência tem seu ponto de partida na desumanização daqueles que são vistos como descartáveis e sem valor. Índices que não atentam para as dimensões de raça/cor/etnia acabam mascarando e intensificando desigualdades históricas.

Contudo, existem brechas nesse processo, e tais fissuras abrem possibilidades de *afrontamento*, resistência e reexistência para pessoas negras. Uma dessas experiências é o Projeto NegroMuro (PNM), intervenção de arte urbana criada no Rio de Janeiro, em 2020, por Pedro Rajão e Fernando Sawaya. Atualmente composto por cerca de 80 murais distribuídos por diferentes áreas da cidade e de seu entorno, o projeto apresenta personalidades negras dos mais diversos campos de atividade e conhecimento, como Conceição Evaristo, Marielle Franco, Mercedes Baptista, Machado de Assis, Lima Barreto, André Rebouças, Elza Soares e Abdias Nascimento, entre muitos outros sujeitos historicamente fundamentais para a constituição cultural, intelectual e política do país.

Nossa intenção é analisar o PNM sob o ponto de vista do enfrentamento a uma cidade que se quer branca, mas que é profundamente marcada pelas experiências da negritude. Interessa-nos compreender de que modo o Projeto NegroMuro articula experiências de lazer, educação antirracista e espacialidades urbanas, produzindo intervenções na paisagem da cidade e tensionando processos históricos de invisibilização da presença negra no espaço urbano carioca.

Partimos da compreensão de que o lazer não é um fenômeno neutro e de que suas experiências também são atravessadas pelas desigualdades raciais e espaciais que organizam a vida urbana brasileira. Nesse sentido, articulamos os estudos do lazer às discussões sobre educação antirracista, paisagem e espacialidades racializadas, buscando perceber como práticas culturais ligadas ao lazer podem contribuir para processos de conscientização, reconhecimento identitário e outras formas de experienciar a cidade.

Para concretizar tal intenção foi realizada uma pesquisa com abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, a partir do método de investigação bibliográfica. Foram utilizados artigos, livros, teses e dissertações relacionados aos estudos do lazer, às espacialidades urbanas, à paisagem, à educação e às relações étnico-raciais, além de materiais vinculados ao próprio Projeto NegroMuro, incluindo conteúdos publicados em suas redes sociais e em sua página oficial. A pesquisa também foi constituída por diálogos realizados com idealizadores do projeto, que contribuíram para a compreensão das propostas educativas, territoriais e históricas dos Circuitos NegroMuro.

Para além da revisão bibliográfica e documental, a análise também foi orientada pela experiência direta de circulação pelas espacialidades do projeto, especialmente na região da Pequena África, por meio de caminhadas e visitas aos locais onde os murais estão inseridos. Tal aproximação permitiu observar relações entre as imagens, a paisagem urbana e os modos de circulação pela cidade. No que diz respeito à análise imagética, privilegiamos o Circuito NegroMuro Pequena África e, de maneira mais detida, o mural de Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prainha, entendido como exemplo particularmente significativo das potencialidades educativas, espaciais e antirracistas do projeto.

No que diz respeito à sua dimensão educativa, o PNM foi estudado a partir do duplo aspecto educativo do lazer, proposição elaborada por Marcellino (1987; 1995; 1996), que compreende o lazer tanto como veículo quanto como objeto de educação. Tal dimensão se concretiza no Circuito NegroMuro (CNM), composto por conjuntos de murais agrupados por áreas da cidade que podem ser percorridos a pé, de bicicleta, correndo ou em veículo turístico e com o auxílio de mediação especializada.

O texto está organizado em três movimentos principais. Inicialmente, discutimos as relações entre o Projeto NegroMuro, o lazer e a educação antirracista. Em seguida, analisamos o PNM a partir dos conceitos de paisagem, contraespaço e re-racialização. Por fim, refletimos acerca do Circuito NegroMuro como prática educativa antirracista do lazer, enfatizando os percursos urbanos, as narrativas visuais dos murais e as disputas simbólicas em torno da memória negra na cidade do Rio de Janeiro.

1. CONSTRUINDO RELAÇÕES ENTRE O PROJETO NEGROMURO, O LAZER E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O fenômeno do lazer vem sendo estudado sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. No Brasil, consolidou-se como um campo interdisciplinar de pesquisas e intervenções que mobiliza áreas como Educação Física, Educação, Sociologia, Antropologia, História, Turismo e Ciência Política. A expansão desse campo pode ser observada na criação de grupos de pesquisa, periódicos especializados, programas de pós-graduação e eventos científicos voltados especificamente aos estudos do lazer.

Entretanto, apesar da ampliação e da consolidação desse campo nas últimas décadas, ainda percebemos a necessidade de enegrecer esse debate, sobretudo no que diz respeito às relações entre lazer, espacialidades urbanas, memória e racismo. Em muitos momentos, as discussões acerca do lazer foram conduzidas sem considerar de maneira mais aprofundada as desigualdades raciais que atravessam o acesso à cidade, aos equipamentos culturais, às experiências de circulação urbana e às possibilidades de fruição do tempo livre.

Ao refletir sobre o lazer, partimos da compreensão de que ele não pode ser reduzido ao entretenimento, ao descanso ou ao simples consumo de mercadorias culturais. Tal redução interessa diretamente à lógica neoliberal que transforma o lazer em produto, experiência comercializável e forma de captura do tempo livre.

Nas últimas décadas, diferentes autores têm contribuído para ampliar as compreensões acerca do lazer no Brasil. Gomes (2014), por exemplo, chama atenção para o caráter histórico, cultural e socialmente situado das práticas de lazer, criticando definições restritas que o reduzem apenas ao descanso ou à diversão. Para a autora, o lazer envolve modos de viver, produzir sentidos e estabelecer relações com a cultura e com a vida coletiva, sendo atravessado pelas desigualdades e disputas presentes na sociedade.

Tal perspectiva permite compreender que experiências de lazer não são neutras, mas atravessadas por questões de classe, raça, gênero e acesso à cidade, aspecto particularmente importante para a presente pesquisa. Nesse sentido, aproximamo-nos de perspectivas que compreendem o lazer como dimensão da cultura, necessidade humana e direito social. Mais do que um conjunto de atividades realizadas no chamado “tempo livre”, o lazer envolve formas de sociabilidade, experiências simbólicas, disputas culturais e possibilidades de produção de sentidos sobre o mundo.

Autores como Renato Requixa (1980) e Ethel Bauzer Medeiros (1980) já chamavam atenção para a necessidade de pensar o lazer para além de perspectivas meramente compensatórias ou funcionalistas. Do mesmo modo, Chauí (1982) contribui para pensar a dimensão política e formativa das práticas culturais e educativas, aspecto importante para compreender criticamente as experiências de lazer.

É justamente nesse ponto que as reflexões de Nelson Carvalho Marcellino ganham centralidade em nossa análise. O autor destaca o duplo aspecto educativo do lazer, isto é, o lazer como veículo e como objeto de educação. Em suas palavras:

Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação, e a segunda, que para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, como enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação (Marcellino, 1987, p. 59).

O entendimento do lazer como veículo privilegiado de educação está referido às suas potencialidades para o desenvolvimento dos indivíduos. Sua fruição, em atividades práticas ou contemplativas, cria condições não apenas para o descanso individual, mas também para o desenvolvimento da sensibilidade, da solidariedade e da sociabilidade. Ademais, permite maior compreensão crítica da realidade na medida em que reconhece as responsabilidades de cada um em relação ao conjunto da sociedade. Existe, portanto, a possibilidade de se educar pelo lazer.

Essa leitura nos permite compreender o Projeto NegroMuro para além de sua dimensão estética. O PNM cria condições de formação crítica a partir da experiência urbana, da memória negra, da circulação pela cidade e do confronto com imagens que tensionam processos históricos de invisibilização racial.

Ao mesmo tempo, em diálogo com Requixa (1980), Medeiros (1980) e Chauí (1982), Marcellino (1996) aborda o lazer como objeto de educação, afirmando que é possível e necessário educar para o lazer. Segundo o autor:

[...] quando a análise é dirigida ao lazer como objeto de educação – que implica na consideração da necessidade de difundir seu significado, esclarecer a importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuam para aperfeiçoá-lo, entra-se numa área polêmica e marcada por muitas interrogações (Marcellino, 1996, p. 50).

Mais uma vez, o autor explicita suas preocupações políticas, sobretudo diante de perspectivas acríticas e conservadoras do lazer.

Essa dimensão crítica interessa profundamente à presente pesquisa porque o Projeto NegroMuro produz deslocamentos nas formas naturalizadas de experienciar a cidade. O PNM interfere nos modos de circulação, percepção e leitura do espaço urbano, criando experiências educativas atravessadas pela memória negra e pela crítica ao racismo.

Dito isso, a partir da compreensão de como estão organizados os Circuitos NegroMuro, podemos refletir acerca da sistematização dessa aprendizagem, entendendo que ela se dá no âmbito da educação não formal. Marandino (2017) apresenta um interessante questionamento acerca da divisão do sistema educacional em três categorias: educação formal, educação não formal e educação informal.

Baseada em Smith (1996), Marandino (2017, p. 812) define educação formal como “o sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade”; educação não formal como “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação”, mas que possui objetivos de aprendizagem voltados a sujeitos previamente identificados; e educação informal como o “processo realizado ao longo da vida em que os indivíduos adquirem atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos” a partir da experiência cotidiana, da família, do trabalho, do lazer e das mídias.

Entretanto, apoiada nessas definições, Marandino (2017) afirma que tais modalidades não podem ser vistas de maneira estanque. Ainda considerando Smith (1996), a autora assevera que tais definições se estruturam a partir do foco na dimensão física do espaço, o que torna mais frágil seu potencial de compreensão e análise.

A fim de ampliar a discussão, Marandino (2017) apresenta a posição de Gohn (1999), para quem a concepção de educação é mais ampla do que a de aprendizagem e se associa ao conceito de cultura. Desse modo, educação não formal trata de um processo com várias dimensões, relativas à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; à capacitação para o trabalho; à aprendizagem de práticas voltadas para a solução de problemas coletivos; aos conteúdos da escolarização formal em espaços diferenciados; e à educação desenvolvida na e pela mídia.

No contexto deste trabalho, cabe destacar especialmente a dimensão referida à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, o que nos leva diretamente às possibilidades pedagógicas do Projeto NegroMuro.

Marandino (2017) apresenta, ainda, a perspectiva elaborada por Falk e Dierking (2002), denominada *free-choice learning* (aprendizagem por livre escolha). Para os autores, trata-se de todo tipo de aprendizagem que pode ocorrer fora da escola, especialmente em museus, centros de ciências, organizações comunitárias e mídias impressas e eletrônicas. Nessa modalidade, o interesse e a intenção do aprendiz têm origem no indivíduo, e não em imposições externas.

Em que pese a polissemia do termo educação não formal, importa aqui sua dimensão de focar no sujeito que escolhe o que deseja aprender. Tal perspectiva nos leva diretamente às relações entre os Circuitos NegroMuro, o lazer e a educação antirracista.

Como visto anteriormente, a possibilidade de se educar para e pelo lazer está referida a uma posição política que abre caminhos para o desenvolvimento individual e coletivo. Entendemos tais experiências como práticas pautadas por sensibilidade, solidariedade, consciência e crítica social, capazes de promover mudanças nos modos de pensar e viver o mundo.

Acreditamos que os CNM devam ser compreendidos desde uma perspectiva crítica e antirracista, de modo que as diferentes formas de racismo possam ser identificadas e questionadas. Refletir acerca da relação entre os circuitos e a dimensão educativa do lazer é também pensar na ampliação da visão de mundo do sujeito a partir do confronto com aquilo que vê e analisa na imagem representada.

No contexto do CNM, ao se deparar com um mural de uma pessoa negra, do passado ou do presente, o sujeito se defronta com uma história ou, em paralelo com a teorização de hooks (2019), com uma narrativa visual com peso e impacto. Nesse momento podem surgir questionamentos acerca da trajetória da personalidade retratada, dos objetos presentes na composição da imagem e

dos processos históricos que levaram aquele sujeito a ocupar simbolicamente aquele espaço da cidade.

Na troca com os outros e outras está o sentido da coletividade e da condição política para as mudanças necessárias à emergência de uma sociedade antirracista. Tanto na perspectiva individual quanto na coletiva, é na busca por respostas a essas questões que está a dimensão da educação pelo lazer.

Se antes de ser iniciado o Circuito NegroMuro esse alguém é informado acerca do que vai ver e observar, ele/ela estará sendo preparado/a para uma fruição consciente daquele tempo-espaço de lazer. O que significa que estará havendo um salto qualitativo na sua relação consigo mesmo e com sua liberdade de escolha. É nesse sentido que está a dimensão da educação para e pelo lazer.

2. PAISAGEM, CONTRAESPÇO E RE-RACIALIZAÇÃO: leituras geográficas do projeto NegroMuro

As reflexões desenvolvidas até aqui permitem avançar na compreensão do Projeto NegroMuro a partir das relações entre paisagem, espacialidades urbanas e racialização. Tal movimento é importante porque o PNM não atua apenas como experiência cultural ligada ao lazer, mas também como intervenção visual e política na paisagem da cidade do Rio de Janeiro.

Ao refletir acerca da paisagem, partimos da compreensão de que ela não se reduz ao conjunto material daquilo que é visto. A paisagem envolve relações culturais, simbólicas, afetivas e políticas produzidas historicamente. Nesse sentido, concordamos com Cosgrove (1998), para quem a paisagem deve ser compreendida como uma maneira de ver, isto é, como uma construção cultural atravessada por disputas de poder, valores e formas de representação.

Essa compreensão é importante para a análise do Projeto NegroMuro porque a cidade do Rio de Janeiro foi historicamente construída, como nos lembra Sodré (2002), a partir de processos de monumentalização branca e de apagamento da presença negra em suas espacialidades mais valorizadas. Trata-se de um movimento que não ocorre apenas no plano material, mas também simbólico e imagético.

Santos (2023) chama atenção para o fato de que as dimensões espaciais do racismo permaneceram por muito tempo relativamente pouco exploradas no campo da geografia brasileira. Segundo o autor, sobretudo a partir das lutas do Movimento Negro e de outros movimentos sociais afro-diaspóricos, conceitos como espaço, território, lugar e paisagem passaram a ser mobilizados de maneira mais sistemática nas discussões sobre relações raciais, políticas de representação e formas de ocupação da cidade. Tal perspectiva contribui para compreender que as espacialidades urbanas não são neutras, mas atravessadas por disputas raciais, processos de invisibilização e formas desiguais de pertencimento e reconhecimento.

No que diz respeito à análise das obras de arte que compõem o Projeto NegroMuro, não nos detivemos em aspectos relacionados a molduras, zonas pictóricas e outras dimensões técnicas, pois nosso interesse reside em outros elementos do projeto. Concebemos o PNM como um conjunto de murais formado por personalidades negras dos mais diversos campos de atividade e conhecimento. Assim, não tratamos cada representação isoladamente, mas nos detivemos na relação entre a iconografia e os elementos de poder nela representados.

Baseados em Cosgrove (1998), entendemos que há culturas dominantes e subdominantes ou alternativas “não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, idade e etnicidade” (Cosgrove, 1998, p. 227). Ainda que as características mais naturalizadas de uma paisagem estejam

ligadas ao poder, sempre haverá brechas pelas quais culturas subdominantes se manifestam e se expressam. O autor classifica essas culturas em residuais, emergentes e excluídas.

Essa construção teórica auxilia na compreensão do conceito de paisagem e contribui para o aprofundamento do debate acerca do Projeto NegroMuro. Contudo, é a partir do diálogo com Sousa (2022) que podemos analisar de maneira mais aprofundada as relações entre o PNM, o racismo e a paisagem.

Sousa, investigando o modo pelo qual as questões raciais se relacionam com a construção dos discursos de patrimônio e nação, trabalha com o arcabouço das geografias emocionais para analisar imagens e narrativas configuradas pelas paisagens internas dos museus e de suas exposições. Nesse sentido, observa como vão sendo construídas sensações de sofrimento, dor, aversão e repulsa acerca da vida cotidiana de negros e negras, e como tais impressões criam paisagens racializadas que mobilizam imaginários, sensibilidades e representações.

Tal discussão é importante para nossa análise porque permite compreender que a paisagem não comunica apenas formas materiais, mas também afetos, sensibilidades e modos de ver e sentir o mundo. Ela produz pedagogias do olhar e do pertencimento, organizando aquilo que pode ser percebido como legítimo, belo ou digno de memória.

Nesse sentido, o processo de desnaturalização do olhar e das elaborações referidas às espacialidades inicia-se com a crítica ao uso de certos termos e imagens. Consideramos que a hegemonia branca se reflete nas expressões espaciais; logo, tais expressões já estão racializadas, posto que se referem a um padrão hegemônico branco. Desse modo, importa ressaltar essa singularidade: trabalhamos com o termo re-racialização para enfatizar que muitas espacialidades foram originalmente constituídas a partir de vivências e concepções de mundo negras.

É justamente nesse ponto que as reflexões de Oliveira (2020) se mostram relevantes. Ao discutir o conceito de contraespaço, o autor chama atenção para os enfrentamentos produzidos nas espacialidades urbanas a partir de práticas que rompem com os modos hegemônicos de organização, representação e experiência da cidade. O contraespaço emerge como *afrontamento* às racionalidades dominantes e como possibilidade de criação de outras formas de existência, pertencimento e memória.

Ainda em diálogo com Oliveira (2020), compreendemos que o contraespaço não se restringe à dimensão física ou territorial. Trata-se também de deslocamento simbólico e político capaz de produzir fissuras nas formas naturalizadas de perceber a cidade e seus regimes de visibilidade.

Tal discussão aproxima-se diretamente do Projeto NegroMuro. Seus murais não apenas ocupam visualmente determinados espaços da cidade, mas produzem enfrentamentos simbólicos que alteram as formas de ver e sentir a paisagem urbana. O PNM interfere nos regimes de visibilidade da cidade e constrói espacialidades negras que confrontam uma lógica histórica de embranquecimento urbano.

De certa forma, estamos abordando aspectos que podem ser considerados formadores de novos modos de ser e estar em um mundo que, para as pessoas negras, não pode mais continuar sendo o mesmo. Criar contraespaços é também fundar possibilidades específicas de ser negro e negra a partir de um ponto de vista negro, não mais de uma visão definida exclusivamente pela branquitude. Re-racializar paisagens implica, desse modo, romper com formas históricas de invisibilização e apagamento. Isso produz deslocamentos nos modos de experienciar a cidade, questionando lugares historicamente impostos de subalternidade, opressão e violência.

Nessa perspectiva, o PNM também pode ser compreendido como linguagem que comunica luta, resistência e reexistência. As imagens representadas não reforçam condições de

subalternidade; ao contrário, apresentam sujeitos negros como protagonistas de suas próprias trajetórias. O Projeto NegroMuro se situa em uma perspectiva pictórica de educação antirracista pela via da cultura e constitui uma linguagem composta por elementos afeitos à arte, mas que também pode ser pensada em sua dimensão pedagógica como retomada, reconstrução e redefinição de modos de existir.

Os murais do PNM estão onde possam ser vistos e admirados. Por isso, criam contraespaços que interferem na paisagem, enfatizam a presença negra e fixam memórias. As pessoas representadas aparecem no esplendor de sua potência, impondo sua presença e sua negritude na cidade. Nessa medida, o PNM se contrapõe a uma política de esquecimento, reinscreve a presença negra na paisagem e projeta outras possibilidades de futuro.

3. CIRCUITO NEGROMURO COMO PRÁTICA EDUCATIVA ANTIRRACISTA DO LAZER

Os Circuitos NegroMuro (CNM) constituem uma das dimensões mais significativas do Projeto NegroMuro no que tange às suas possibilidades educativas, culturais e espaciais. Organizados a partir da distribuição territorial dos murais pela cidade do Rio de Janeiro e por municípios vizinhos da região metropolitana, os circuitos articulam deslocamento urbano, memória negra, experiência estética e circulação por espacialidades historicamente marcadas pelas disputas raciais.

Atualmente, os percursos atravessam diferentes regiões da cidade e de seu entorno metropolitano, envolvendo áreas como Centro, Zona Norte, Madureira, Leopoldina, Baixada Fluminense e Pequena África. A distribuição territorial dos murais evidencia que o Projeto NegroMuro não se limita à produção de imagens isoladas, mas constitui uma intervenção espacial mais ampla organizada em torno da memória, da circulação e da presença negra na cidade.

A relevância cultural e política do Projeto NegroMuro também pode ser observada no fato de o projeto ter sido reconhecido, em 2026, como Patrimônio Cultural Imaterial do município do Rio de Janeiro⁵. Tal reconhecimento evidencia não apenas sua importância artística e educativa, mas também sua inserção nas disputas contemporâneas em torno da memória, da representação e das espacialidades negras na cidade, especialmente ao monumentalizar sujeitos historicamente invisibilizados na paisagem urbana carioca.

A Figura 1 apresenta a distribuição espacial dos Circuitos NegroMuro na cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos.

⁵ O Projeto NegroMuro foi reconhecido como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município do Rio de Janeiro por meio da Lei nº 9.368/2026. Disponível em: <https://www.camara.rio/atividade-parlamentar/legislacao/municipal/leis-ordinarias>. Acesso em: 22 maio 2026.



Figura 1 – Distribuição espacial dos Circuitos NegroMuro na cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos. Fonte: Portal G1⁶.

No site oficial do projeto⁷, os idealizadores afirmam que o NegroMuro busca “tornar públicas e imagéticas as incontáveis histórias importantíssimas sobre a nossa memória negra”. A proposta dos circuitos surge justamente da “procura muito grande por um ‘circuito NegroMuro’ onde as pessoas possam entender de forma mais profunda o projeto em si e a relação território x personagem, contextualizados historicamente”.

Ainda segundo o site do projeto, o objetivo dos percursos é “visitar e se aprofundar na série de murais pintados na cidade do Rio de Janeiro, com roteiros específicos, entendendo através do olhar histórico e afrocentrado, a importância de cada personagem na construção deste território, aprendendo a ‘pisar nesse chão devagarinho’”.

Tal formulação desloca a experiência dos circuitos para além da contemplação estética dos murais. O que está em jogo é uma prática de circulação urbana atravessada pela memória e pela educação antirracista.

É certo que as pessoas impactadas pelas imagens representadas podem buscar, por si mesmas, informações acerca das personalidades retratadas e aprender sobre elas. Contudo, ao observarmos com atenção o conjunto de representações do PNM, veremos que ele pode ser percebido como um circuito de conhecimento, aprendizagens e letramento racial.

Nesse sentido, a organização dos murais em circuitos funciona como recurso pedagógico no âmbito da educação não formal. Os próprios circuitos vêm sendo desenvolvidos em parceria com o historiador e guia Flávio Henrique Cardoso, do projeto Negociando História. A diversidade de públicos envolvidos - escolas, estudantes, docentes, turistas brasileiros e estrangeiros, grupos privados e empresas - evidencia como o Projeto NegroMuro atravessa simultaneamente os campos do lazer, da educação e da cultura.

Para além dos guiamentos, o PNM também desenvolve oficinas, debates e atividades formativas em escolas, universidades, museus e instituições culturais, abordando especialmente questões ligadas à memória negra, à arte urbana e às espacialidades racializadas. Tais experiências reforçam o caráter educativo do projeto e ampliam suas possibilidades de atuação para além da contemplação estética dos murais.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2025/11/20/negro-muro-veja-mapa-de-artes-com-personalidades-negras-no-rj.gh.html>. Acesso em 14 maio 2026.

⁷ Disponível em: <https://negromuro.com.br/circuitos/>. Acesso em 26 abr. 26.

Entretanto, importa destacar que mesmo aqueles sujeitos que não participam formalmente dos guiamientos também são afetados pelas imagens do projeto. Os murais interferem cotidianamente na paisagem e produzem deslocamentos nos regimes de visibilidade da cidade ao reinscrever monumentalmente sujeitos negros em espacialidades historicamente marcadas pelo apagamento racial.

Diante dessas imagens, o sujeito é provocado a refletir acerca das trajetórias das personalidades representadas, dos elementos simbólicos presentes nos murais e das relações raciais inscritas na paisagem urbana. As imagens do Projeto NegroMuro não operam apenas como ornamentação da paisagem urbana. Elas instauram possibilidades de reflexão acerca da história da população negra brasileira e das disputas pelas espacialidades da cidade.

bell hooks (2019), ao discutir raça e representação, chama atenção para a importância política das imagens e para os modos como elas interferem na construção dos imaginários sociais. Tal reflexão é particularmente importante quando observamos que, historicamente, pessoas negras foram representadas a partir de lugares de subalternidade, violência ou invisibilidade. O Projeto NegroMuro produz deslocamentos nessa lógica ao monumentalizar sujeitos negros em espaços públicos da cidade.

Um dos percursos mais emblemáticos do Projeto NegroMuro é o Circuito NegroMuro Pequena África. O circuito articula diferentes murais distribuídos pela região portuária da cidade do Rio de Janeiro e por instituições diretamente ligadas à memória negra daquele território. Além do mural da escritora Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prainha, o percurso inclui intervenções em escolas e no MUHCAB (Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira), compondo uma rede de imagens, narrativas e espacialidades negras organizadas em torno da memória, da circulação e da educação antirracista.

Na Escola Padre Francisco da Motta encontra-se o mural dedicado à atriz e radialista Ísis de Oliveira; na Escola Municipal Benjamin Constant, um mural homenageia as Tias Baianas da Pequena África; e na Fundação Darcy Ribeiro, a figura representada é Prata Preta, liderança da Revolta da Vacina. Já no MUHCAB, o circuito reúne três murais: Antônio Pitanga representando Pacífico Likutan, liderança da Revolta dos Malês; Tia Lúcia, figura emblemática da Pequena África; e a atriz e cantora Zezé Motta.

Dentre os murais que compõem o circuito, privilegiamos a análise do retrato da escritora Conceição Evaristo inaugurado, em janeiro de 2025, no Largo de São Francisco da Prainha, em um local de extrema importância para a história e para a memória negras da cidade. A escolha desse mural não pretende esgotar as múltiplas possibilidades analíticas presentes no Projeto NegroMuro, mas apresentar um exemplo concreto das potencialidades educativas, espaciais e antirracistas dos Circuitos NegroMuro.

Situado na região da Pequena África, o Largo de São Francisco da Prainha constitui uma espacialidade central para a compreensão das experiências negras na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um território profundamente marcado pela presença africana e afro-brasileira, pelas dinâmicas do porto escravista, pelas práticas culturais negras e pelas formas históricas de resistência e sociabilidade da população negra carioca. Nesse sentido, a presença do mural de Conceição Evaristo naquele espaço estabelece relações importantes entre paisagem, memória e reexistência negra.

Importa destacar ainda que o mural está localizado a cerca de vinte metros da Casa da Escrivência Conceição Evaristo, espaço voltado à preservação do acervo literário da autora, aberto à visitação e pensado como lugar de encontro, formação e circulação cultural para escolas públicas, profissionais da educação, artistas e demais pessoas interessadas em ações culturais. Tal proximidade reforça as relações entre a biografia da autora e sua representação no mural.

Além da própria escritora, o mural (Figura 2) apresenta outros elementos simbólicos organizados pela própria Conceição Evaristo para sua representação. Nele estão presentes as figuras de Santa Rita de Cássia, Imaculada Conceição, Oxum e Iemanjá, bem como uma fotografia de sua mãe. Também aparece a flor de mulungu, referência ao livro *Macabéa: Flor de Mulungu*, da autora, que repousa os braços sobre uma estante de livros⁸. A composição visual traz elementos como religiosidade, ancestralidade, memória familiar, literatura e negritude, permitindo a comunicação de aspectos relacionados à personalidade representada.



Figura 2 – Mural da escritora Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prainha, região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: O Globo.

A compreensão das transformações simbólicas produzidas naquela espacialidade pode ser ampliada a partir da comparação entre diferentes imagens do Largo de São Francisco da Prainha. A Figura 3 apresenta um registro realizado por Augusto Malta no início do século XX, permitindo observar aspectos históricos da configuração urbana daquele território antes das atuais intervenções ligadas à memória negra.

⁸ Informações sistematizadas a partir de publicação realizada no perfil do Projeto NegroMuro no Instagram (@negromuro), em 26 mar. 2025. Consulta realizada em: 14 maio 2026.



Figura 3 – “Largo da Prainha”. Fotografia de Augusto Malta, c. 1900
Fonte: “A Praça Mauá na memória do Rio de Janeiro”, de Paulo Bastos Cezar e Ana Rosa Viveiros de Castro⁹.

Já na contemporaneidade, o Largo passa a incorporar outras formas de monumentalização da presença negra. A Figura 4 mostra a estátua de Mercedes Baptista, importante referência da dança afro-brasileira e primeira bailarina negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, instalada no local, em 2016, como parte de iniciativas voltadas à valorização da memória negra na região portuária da cidade (Neves, 2024).



Figura 4 – Estátua de Mercedes Baptista no Largo de São Francisco da Prainha
Fonte: Denise Barreto¹⁰

Por sua vez, a Figura 5 permite observar a intensa ocupação cotidiana e festiva do Largo da Prainha, contexto no qual a estátua de Mercedes Baptista tende a perder destaque na dinâmica visual daquela paisagem.

⁹ Disponível em <https://riomemorias.com.br/memoria/encontros-e-acolhida/>. Acesso em 22 mar 2026.

¹⁰ Disponível em: <https://eurio.com.br/noticia/22259/frente-parlamentar-vai-destacar-a-pequena-africa-na-paisagem-carioca.html>. Acesso em 22 mar 2026.



Figura 5 – Largo de São Francisco da Prinha na atualidade
Fonte: Agenda Bafafá¹¹

Já a Figura 6 evidencia a coexistência entre a estátua de Mercedes Baptista e o mural monumental de Conceição Evaristo na paisagem contemporânea do Largo da Prinha, permitindo observar diferentes regimes de visibilidade da presença negra naquele território.



Figura 6 – Estátua de Mercedes Baptista e mural de Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prinha, região portuária da cidade do Rio de Janeiro. Fonte: acervo dos autores.

¹¹ Disponível em: <https://bafafa.com.br/turismo/guiados/largo-da-prinha-point-do-samba-na-regiao-portuaria-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 22 mar. 2026.

A comparação entre as imagens evidencia transformações materiais e simbólicas daquela espacialidade. No caso específico do Largo da Prainha, chama atenção o contraste entre a monumentalidade do mural de Conceição Evaristo e a menor notoriedade da estátua de Mercedes Baptista no cotidiano da paisagem urbana. Nas experiências de lazer que ocupam aquele território, especialmente nos fins de semana e nas noites festivas marcadas pela intensa circulação de pessoas, a presença da estátua tende a ser parcialmente absorvida pela dinâmica visual do Largo. Em contraste, a imagem monumental de Conceição Evaristo penetra nas brechas, escancarando-a e enegrecendo a paisagem, re-racializando-a. O retrato da escritora impõe-se visualmente naquele espaço, tornando praticamente incontornável a percepção de que ela — e, por conseguinte, as pessoas negras — pertencem àquele lugar.

As experiências promovidas pelos Circuitos NegroMuro também podem ser pensadas em diálogo com debates contemporâneos acerca do afroturismo e das disputas em torno da memória negra na cidade. Ao propor percursos mediados por espacialidades historicamente vinculadas à presença africana e afro-brasileira, o projeto produz formas de circulação urbana que tensionam apagamentos históricos e criam possibilidades de leitura crítica da paisagem, aproximando-se de perspectivas que compreendem o afroturismo como prática vinculada à valorização da memória, da ancestralidade e das narrativas afro-diaspóricas (Fernandes; Cifelli, 2024, Miranda Junior, 2022).

Entretanto, tais experiências também revelam contradições importantes. Em muitos casos, os circuitos atravessam territórios marcados simultaneamente pela valorização turística, pela especulação imobiliária e pela permanência de populações negras submetidas a condições históricas de vulnerabilização social. Na região da Pequena África e do Largo da Prainha, por exemplo, convivem lado a lado práticas de lazer, patrimonialização da memória negra e expressões territorializadas da pobreza, frequentemente materializadas em corpos negros que seguem ocupando espaços profundamente desiguais da cidade. Tal tensão evidencia que experiências de circulação, lazer e turismo também podem operar como espaços de disputa simbólica e política acerca dos usos e significados da cidade .

Nesse sentido, os Circuitos NegroMuro não eliminam as tensões presentes nessas espacialidades, mas permitem torná-las mais visíveis e problematizáveis, deslocando a experiência turística de uma lógica meramente contemplativa para possibilidades de reflexão crítica acerca das relações entre raça, cidade, memória e desigualdade urbana.

A análise desse mural permite perceber com maior nitidez as disputas simbólicas, raciais e espaciais inscritas naquela paisagem. A paisagem se torna mais complexa, pois várias são as camadas, ou patamares (Cosgrove, 1998), que a compõem e que são formadas pelo encontro de expressões culturais, modos de vida e apropriações que disputam hegemonia no espaço.

Nesse sentido, é possível observar aspectos subjetivos e objetivos que configuram aquela espacialidade: a paisagem residual concreta formada pelo conjunto arquitetônico; a paisagem produzida pelos bares e pela intensa circulação turística; a paisagem valorizada para fotografias; a paisagem negra que, nesse contexto de branqueamento, teima em não desaparecer; e, por fim, a paisagem marcada pela pintura monumental de Conceição Evaristo.

Ademais, a partir do encontro de duas grandes artistas negras, uma bailarina e uma escritora, depreendemos que ambas rompem com a subalternização, politizando o espaço e fornecendo mais um patamar para se refletir acerca do processo de re-racialização da paisagem.

A análise das imagens permite perceber que o Largo da Prainha deixa de operar, em diálogo com o léxico de Oliveira (2020), apenas como paisagem-vitrine da cidade turística e passa também a comunicar experiências negras historicamente relegadas aos “fundos de quintal” da

memória urbana. O mural de Conceição Evaristo interfere diretamente nesse processo ao tornar monumental uma presença negra historicamente constitutiva daquele território.

Acreditamos que esses circuitos, e outros que porventura sejam criados, podem levar pessoas negras a refletirem de modo mais aprofundado acerca da urgente necessidade de afirmar e reafirmar a negritude a partir de parâmetros e valores também negros. E, para as pessoas brancas, o letramento racial poderá contribuir para a conscientização acerca de seus privilégios, funcionando como mais uma força na direção das necessárias mudanças materiais, simbólicas, culturais e estruturais.

Desse modo, os Circuitos NegroMuro ampliam as possibilidades de compreensão do lazer como prática cultural crítica e como experiência educativa antirracista em âmbito não formal, articulando circulação urbana, memória, paisagem e reexistência negra na cidade do Rio de Janeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos refletir acerca das relações entre lazer, educação antirracista, paisagem e espacialidades urbanas a partir do Projeto NegroMuro e dos Circuitos NegroMuro na cidade do Rio de Janeiro.

Partimos da compreensão de que o lazer não pode ser pensado de maneira dissociada das desigualdades raciais e espaciais que organizam a vida urbana brasileira. Nesse sentido, procuramos demonstrar que experiências culturais ligadas ao lazer também podem atuar na construção de práticas educativas antirracistas, especialmente quando atravessadas pela memória, pela circulação urbana e pela crítica aos processos históricos de apagamento da presença negra na cidade.

A partir do diálogo com autores dos estudos do lazer, da geografia cultural e das relações étnico-raciais, buscamos compreender o PNM como intervenção que produz deslocamentos simbólicos na paisagem urbana ao monumentalizar sujeitos negros em espacialidades historicamente marcadas pelo embranquecimento e pela invisibilização racial.

As reflexões desenvolvidas permitiram perceber que os Circuitos NegroMuro ultrapassam a dimensão da contemplação estética e podem ser compreendidos como experiências educativas vinculadas à educação não formal. Seus percursos articulam cidade, memória e circulação, criando possibilidades de reflexão crítica acerca das relações raciais e dos modos pelos quais a paisagem urbana comunica pertencimentos, exclusões e disputas simbólicas.

A análise do Circuito NegroMuro Pequena África e, de maneira mais específica, do mural de Conceição Evaristo no Largo de São Francisco da Prainha, permitiu observar como determinadas imagens interferem nos regimes de visibilidade da cidade, produzindo novas formas de percepção da presença negra na paisagem urbana. Nesse contexto, o mural não atua apenas como representação artística, mas como intervenção que tensiona processos históricos de esquecimento e reinscreve monumentalmente a memória negra naquela paisagem.

Ao mesmo tempo, a comparação entre o mural de Conceição Evaristo e a estátua de Mercedes Baptista permitiu refletir acerca das diferentes formas pelas quais imagens e monumentos negros são percebidos, apropriados e incorporados às experiências cotidianas de lazer na cidade.

Entendemos que o Projeto NegroMuro contribui para ampliar as possibilidades de compreensão do lazer como prática cultural crítica, capaz de produzir sensibilização, reconhecimento e reflexão acerca das desigualdades raciais inscritas nas espacialidades urbanas brasileiras.

Cabe destacar, entretanto, que o presente trabalho concentrou-se sobretudo na problematização das potencialidades educativas, espaciais e antirracistas dos Circuitos NegroMuro, privilegiando especialmente as relações entre paisagem, memória, circulação urbana e racialização. Nesse sentido, entendemos que futuras investigações — inclusive como possível continuidade desta própria pesquisa — poderão aprofundar a análise das experiências vividas pelos sujeitos que participam dos circuitos, observando mais de perto as formas de circulação, recepção e mediação produzidas durante os guiamentos, bem como as dimensões afetivas, emocionais e corporais mobilizadas por essas experiências de lazer, cidade e educação antirracista. Também parece relevante compreender de maneira mais aprofundada como tais espacialidades são experienciadas por sujeitos que circulam cotidianamente por aqueles territórios em razão do trabalho, da moradia ou mesmo da utilização da rua como espaço de sobrevivência.

Por fim, entendemos que o Projeto NegroMuro e os Circuitos NegroMuro não apenas ampliam as possibilidades de compreensão do lazer como prática cultural crítica, mas também contribuem para o necessário enegrecimento dos debates do campo do lazer no Brasil. Ao monumentalizar sujeitos negros em espacialidades historicamente marcadas pelo apagamento racial, o projeto reinscreve memórias, desloca regimes de visibilidade e reafirma a presença negra na paisagem urbana carioca. Mais do que intervenções artísticas, os murais e circuitos constituem práticas de reexistência que confrontam o embranquecimento simbólico da cidade e abrem possibilidades para outras formas de pertencimento, circulação e imaginação do espaço urbano. Nesse sentido, o NegroMuro também nos desafia a repensar criticamente quem produz, ocupa e experiencia os espaços do lazer, bem como os referenciais a partir dos quais o próprio campo vem historicamente construindo suas leituras sobre cidade, cultura e vida coletiva.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Gisele; MENDONÇA, Pedro Henrique Rezende; ROLNIK, Raquel. Territórios de exclusividade branca: segregação, negação e enfrentamento do racismo no Planejamento Urbano da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Direito Urbanístico*, Belo Horizonte: Fórum, v. 9, n. 17, p. 35–59, 2023. Disponível em <https://biblioteca.ibdu.org.br/direitourbanistico/issue/view/119/94>. Acesso em 8 mar. 2026.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. O que é ser educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 51-70.
- COSGROVE, Denis. Denis Cosgrove. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- FALK, John H.; DIERKING, Lynn D. *Lessons without limit: how free-choice learning is transforming education*. Walnut Creek: AltaMira Press, 2002.
- FERNANDES, Ana Maria Vieira; CIFELLI, Gabrielle. Afroturismo nos sítios dos patrimônios mundiais brasileiros: desafios e oportunidades com ênfase em uma narrativa decolonial. *Via Tourism Review*, n. 26, 2024. Disponível em <https://journals.openedition.org/viatourism/12144>. Acesso em 10 mar. 2026.
- GOHN, Maria da Glória. Maria da Glória Gohn. *Educação não formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em 20 fev. 2026.

- HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- MARANDINO, Martha. Educação não formal e divulgação científica: o que pensa quem faz? *Ciência & Educação*, v. 23, n. 4, p. 811-829, 2017. Disponível em <https://fep.if.usp.br/~profis/arquivo/encontros/enpec/ivenpec/Arquivos/Orais/ORAL009.pdf>. Acesso em 22 fev. 2026.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Nelson Carvalho Marcellino. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. 2 ed. Campinas: Papirus, 1995.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MEDEIROS, Ethel Bauzer. *Lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- MIRANDA JÚNIOR, Edmilson Forte. Afrofuturismo como alternativa para a construção de outros currículos de lazer. *Licere*, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, p. 143-172, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37723>. Acesso em 12 mar. 2026.
- MOREIRA, Ruy. Uma ciência das práticas e saberes espaciais. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/30458>. Acesso em 12 mar. 2026.
- MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton et al. *Território, territórios: ensaios de ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- NEVES, Ana Luiza Izidio Barbosa das. O corpo monumento de Mercedes Baptista. *História Editorial*, v.1, n. 1, 3 dez. 2024. Disponível em <https://historiaeditorial.com.br/o-corpo-monumento-de-mercedes-baptista/>. Acesso em 14 abr. 2026.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Do espaço ao contraespaço: a luta antirracista decolonizando o urbano carioca. In: BARROS, Ana Maria Leite de; ZANOTELLI, Cláudio Luiz; ALBANI, Vivian (org.). *Geografia urbana: cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020. p. 185-211.
- REQUIXA, Renato. *Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer*. São Paulo: SESC, 1980.
- SANTOS, Renato Emerson dos. Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 12, n. 1, p. 11-28, 2023. Disponível em <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2840>. Acesso em 16 abr. 2026.
- SMITH, Mark K. *Formal, non-formal and informal education: a brief overview of different approaches*. The Encyclopaedia of Informal Education, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.
- SOUSA, Patrício Pereira Alves de. Geografias emocionais de raça e patrimônio: percorrendo paisagens museais ouro-pretanas. *Continentes*, v. 1, n. 21, p. 74-105, mar. 2022. Disponível em <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/360>. Acesso em 20 abr. 2026.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO – não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Mauricio Roberto da Silva

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 14/06/2026

Aprovado em: 10/07/2026

Publicado em: 01/10/2026

